

# Nomadismo extensivo *versus* nomadismo intensivo

Ciganos na Região  
Metropolitana de Vitória<sup>1</sup>

Flávia Marcarine Arruda\*



**Figura da página anterior:**  
do capítulo Notas Editoriais.  
Fonte: Boletim n.7 da Internacional Situacionista, p.4. (Imagem acrescentada pela Revista Risco ao presente artigo)

**Resumo** Este é um artigo sobre a categoria analítica do *nomadismo* posto como objeto de crítica para repensar alguns de seus paradigmas como a conceituação dada no sentido comum que o descreve como um movimento extensivo de um deslocamento espacial constante. Essa conceituação será tensionada através das categorias ciganas relacionadas ao espaço, como *pousar*, *andar*, *viajar*, extraídas da etnografia que desenvolvi com uma rede de parentes de ciganos distribuídos na Região Metropolitana de Vitória do Estado do Espírito Santo. Para além do sentido comum, será possível apresentar a noção de um *nomadismo intensivo*, por meio das categorias ciganas em aproximação com o conceito de *nomadismo* de Deleuze e Guattari e do conceito de *peregrinação* e *transporte* empregado por Tim Ingold.

*Palavras-chave:* nomadismo, ciganos, categorias ciganas.

### **Nomadismo extenso versus Nomadismo intensivo: Gitanos en la región metropolitana de Vitória**

**Resumen** Este artículo trata sobre la categoría analítica del nomadismo planteado como objeto de crítica para repensar algunos de sus paradigmas como la conceptualización del sentido común que la describe como un movimiento extenso de desplazamiento espacial constante. Esta conceptualización se filtrará a través de las categorías gitanas relacionadas con el espacio, como *pousar*, *andar*, *viajar*, extraídas de la etnografía que desarrollé con una red de parientes gitanos distribuidos en la Región Metropolitana de Vitória del Estado de Espírito Santo. Más allá del sentido común, será posible presentar la noción de nomadismo intensivo a través de las categorías gitanas que abordan el concepto de nomadismo de Deleuze y Guattari y el concepto de peregrinación y transporte empleado por Tim Ingold.

*Palabras clave:* nomadismo, gitanos, categorías gitanas.

### **Extensive nomadism versus intensive nomadism: Gypsies in the metropolitan region of Vitória**

**Abstract** This article is about the analytical category of nomadism placed as an object of criticism to rethink some of its paradigms as the common sense conceptualization that describes it as an extensive movement of constant spatial displacement. This conceptualization will be tensioned through the space-related Gypsy categories, such as *pousar*, *andar*, *viajar*, drawn from the ethnography I developed with a network of Gypsy relatives distributed in the Vitória Metropolitan Region of Espírito Santo State. Beyond the common sense, it will be possible to present the notion of intensive nomadism through the Gypsy categories approaching the concept of nomadism of Deleuze and Guattari and the concept of pilgrimage and transportation employed by Tim Ingold.

*Keywords:* nomadism, gypsies, gypsy categories.

**S**egundo o senso comum e grande parte da Ciganologia, o nomadismo esteve associado à identidade cigana como um todo, mesmo com tamanha diversidade cultural entre os ciganos e embora nem todos praticassem a itinerância. De acordo com Moonen (2013), apenas 10% dos ciganos praticam a itinerância, e em alguns países, alguns ciganos nunca teriam sido nômades. Ciganólogos como Santos (2002), Okely (1983), Vaux de Folétier (1983) reconhecem o nomadismo como um atributo essencial da existência cigana e uma ideologia convencionalizada e enraizada em coletivo que preza pela pelos deslocamentos constantes.

Autores de referência sobre o tema do nomadismo, como Lara Leite Barbosa (2012) - arquiteta pesquisadora da relação entre nomadismo e sustentabilidade -, André Bourgeot (1994) - antropólogo especialista em sociedades nômades do Norte da África -, Jérémie Gilbert (2014) - pesquisador de Direitos Humanos -, e Louekari (2000) - pesquisadora da relação entre hábitos nômades e ecologia - concordam na definição de nomadismo como uma mobilidade espacial frequente. Admitem gradações dessa mobilidade de acordo com a regularidade dos deslocamentos que varia do seminomadismo - uma combinação de períodos de deslocamentos constantes e momentos de pausa em habitação fixa - ao sedentarismo - predominância de habitação fixa.

A fim de prosseguir com o debate acerca dos deslocamentos ciganos a partir do conceito de nomadismo, propõe-se tensionar o sentido comum dessa categoria através da aproximação com as categorias ciganas relacionadas ao espaço, extraídas da etnografia<sup>1</sup> que desenvolvi no período de 2016 a 2018 com uma rede de parentes de ciganos<sup>2</sup> acampados na Região Metropolitana de Vitória (ARRUDA, 2018).

Ao tensionar o sentido comum atribuído ao conceito de nomadismo pretende-se não limitar a análise acerca dos deslocamentos ciganos através de categorias preestabelecidas, já que ao falar dos ciganos a partir de categorias exógenas a eles, estaríamos falando mais sobre o que pensamos ser nomadismo do que sobre o que eles pensam. Além disso, qualquer categoria produzida e empregada para descrever “outras culturas” sem levar em consideração a impossibilidade de se representar o outro apresenta fragilidades, pois sustentam, indiretamente, a ideia de haver “identidades” como uma coisa-em-si dada *a priori*, não questionam a característica híbrida na qual pesquisadores e sujeitos pesquisados são todos atuantes e produtores. Assim, a aproximação com as categorias ciganas se torna parte indispensável para a construção de uma nova conceituação do nomadismo, na qual o discurso dos ciganos adquire potência para modificar o discurso do pesquisador.

Essa estratégia de se levar a sério o pensamento cigano se alinha com um modo de pensar da antropologia que considera que ao discorrer sobre o “sujeito observado” o pesquisador pode enunciar sobre si mesmo e sobre um mundo possível e ainda desconhecido (VIVEIROS DE CASTRO, 1996). Justamente porque os ciganos não têm

\* Flávia Marcarine Arruda é Arquiteta e Urbanista, Pesquisadora membro do Laboratório Patrimônio & Desenvolvimento (2011-2012) e do Laboratório Politicc (2012-2014). ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-3052-3999>>.

<sup>1</sup> O presente trabalho é um desdobramento da pesquisa de mestrado que realizei junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Monteiro de Andrade no Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU) da Universidade de São Paulo (USP). Essa pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) no período de julho de 2017 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no período de agosto de 2017 a novembro de 2018.

<sup>2</sup> O nome dos meus interlocutores e dos bairros citados ao longo do texto foram substituídos por codinomes para preservar a identidade dos ciganos. Já os erros gramaticais presentes nas citações diretas de relatos dos ciganos são mantidos deliberadamente, pois são parte do próprio material de análise.

um comprometimento excessivo com os conceitos de nomadismo e sedentarismo é o que possibilita confrontar nosso saber.

A intenção de levar a sério o pensamento dos ciganos através de suas categorias não quer dizer saber se o que eles descrevem correspondem a uma realidade objetiva correta, uma vez que isso pressupõe que o pesquisador está em um lugar privilegiado para julgar o que é real ou não. Levar o pensamento do outro a sério diz respeito até onde o pesquisador é capaz de escutar o pensamento do outro e conceder um grau de verdade (GOLDMAN, 2014, p. 15).

Esse reconhecimento não é só repetir o pensamento do outro na forma de replicação, mas sim de aceitação, no sentido de aproximar com o máximo de respeito, extrair a força conceitual desse pensamento para poder produzir efeitos no nosso pensamento. Esse processo funciona como um caminho médio entre conceitos muito concretos advindos da experiência em campo e conceitos abstratos das teorias analíticas (GOLDMAN, 2003).

## Categorias ciganas

Não há como falar dos deslocamentos ciganos sem atender-se para o modo como concebem o mundo, a si próprio e a relação com os outros, por isso, a ideia de *cosmologia* de Roy Wagner (2015) é adotada como a linha condutora da análise. A concepção de *cosmologia* parte do princípio que a visão de mundo é inseparável do modo como se dá cada ação, pensamento e emoção. Assim, cada ação empregada no espaço traduz um modo de existência, e a forma como os ciganos se deslocam, ou como concebem sua arquitetura, revelam uma *cosmologia*.

Os ciganos que convivi sinalizavam um elemento importante em sua *cosmologia*: a noção de viverem *apoiados*. Viver *apoiado* pode acionar um sentido objetivo de sustentação física e outro sentido subjetivo. No sentido objetivo, estar *apoiado* pode referir-se a um móvel que se *apoia* sobre algo (como as camas que são *apoiadas* em tijolos e pedras) e no sentido subjetivo indica a sensação de amparo frente uma situação.

Uma das primeiras situações do aparecimento em campo da noção de *apoio* se deu quando telefonei para Bruna para confirmar minha ida ao acampamento, e respondeu que ficaria sem graça se eu fosse pois, eu poderia ficar *desapoiada* por não poder me dar atenção suficiente, já que naquele dia lavaria o *plástico da barraca* (lona que cobre o chão da barraca). Bruna é uma das ciganas com quem entrava em contato para comunicar minhas idas ao acampamento e, na maioria das vezes, era na sua barraca onde almoçava e deixava minha bolsa. Ficar *desapoiada* nesse caso aciona um duplo sentido: me faltaria não só o *apoio* no sentido objetivo, já que a barraca dela é onde eu deixaria minha bolsa e almoçaria, mas também o *apoio* subjetivo, pois ficaria desamparada por não poder me dar atenção.

Em ambos sentidos, objetivo ou subjetivo, estar *apoiado* ativa a ideia de estar seguro ao se sustentar sobre algo, seja sobre objetos, ou seja, sobre uma condição que oferece amparo. O emprego da noção de *apoio* aparecia em outros contextos. Ao perguntar se tinham se adaptado onde estavam recém-acampados, alguns respondiam que já estavam bem *apoiados*, isto é, tinham condições consideradas satisfatórias para se sentirem bem instalados em um lugar.

Em Andorinhas, onde alguns ciganos estiveram acampados por aproximadamente um mês, houve um episódio que gerou uma agitação: os ciganos teriam recebido a notícia de que um cigano conhecido por se envolver em confusão viria para este acampamento. Logo a notícia se espalhou e os ciganos se aglomeraram até a Aline anunciar: “se ele vier para cá, vamos ficar tudo *desapoiado* e ter que ir embora”. Esse cigano era uma ameaça à estabilidade do grupo e os colocaria na condição de *desapoio* caso se envolvesse em alguma situação de hostilidade com a vizinhança.

Bruna trouxe, em outra conversa, o sentido de *desapoio* da mesma forma colocada por Aline: “talvez tem uma pessoa que o chefe cigano sabe que vai mudar pra cá, que vai brigar, caçar briga, pra *desapoiar* a gente e botar a gente pra ir embora, aí ele fala que o dono não quer mais ninguém aqui dentro”. Ela contava sobre a necessidade de o chefe cigano não permitir a permanência no acampamento daqueles ciganos conhecidos por se envolver em confusão, já que havia o risco de gerar instabilidades e deixá-los isso *desapoiados*.

Em outra situação quando Bruna me explicou o porque de desgostar de sua madrasta, contou sobre o episódio em que seu pai e a madrasta haviam se mudado recentemente para um lugar onde um homem os teria *apoiado*, e a madrasta em pouco tempo, por ter se desentendido com a vizinhança, os teria deixado *desapoiados*. Nota-se que *apoio* nesse contexto aciona o sentido de ser amparado por alguém, e desentendimentos podem fragilizar esse *apoio*.

Após escutar o emprego do verbo *apoiar* em sentidos incomuns para mim, perguntei para Bruna o que queriam dizer quando falavam de *apoio*, e me explicou que “*apoiar* é quando tá sossegado, que nem eu tô aqui quietinha, certo, arrumado, eu posso sair e chegar e saber que tá tudo certinho aqui, aí falo tô *apoiada*”.

Estar *apoiado* não é uma condição de segurança permanente, e pode ficar comprometida quando algum pilar de sustentação se desestabiliza. Esses pilares de sustentação envolvem sobretudo três aspectos na cosmologia cigana: *estar entre parentes* e não *sozinhos*; possuir autorização do proprietário ou da prefeitura para se estabelecerem em um terreno; e o acesso às boas condições de infraestrutura.

Quando um desses pilares se desestabiliza, em menor ou maior intensidade, reflete diretamente no modo como os ciganos se deslocam no espaço: onde encontram *apoio*, se estabelecem e à medida que esse apoio se fragiliza, se deslocam espacialmente, seja de um acampamento para outro, ou mesmo pelo reposicionamento dos móveis dentro da barraca e da barraca dentro do acampamento. Os ciganos trazem diversas categorias para descrever e conceituar esses deslocamentos e ações empregadas no espaço: *andar, rodar, mudar, pousar, morar, estar quieto, estar parado*.

*Pouso* é o local onde escolhem e são permitidos ficar, e para a ação de estar no *pouso* empregam o verbo *pousar, embarracar* ou *ranchar*. O emprego do verbo *ranchar* é mais incomum e é uma herança de quando viajavam pelo interior do estado do Espírito Santo a cavalo, pois procuravam ranchos para se estabelecerem. A cigana Bruna definiu *pouso* como “um acampamento, mas só que aqui é um *pouso*, eu tô em cima dele, lá é outro, da tia Maria é outro”. Nota-se que o *pouso* pode se referir tanto ao acampamento como um todo (junção de todas as barracas vizinhas), como

a um dos terrenos do acampamento (um mesmo acampamento pode conter terrenos de diferentes proprietários) ou ao local ocupado por somente uma barraca.

O deslocamento de um acampamento para outro com a intenção de se estabelecer em outro lugar é designado pelo ato de se *mudar*, que pressupõe ir de um acampamento para outro, permanecer o tempo que puderem e for conveniente. Outras categorias são empregadas para essa condição de se deslocarem de um acampamento para outro, como *andar* e *rodar*. As falas dos ciganos citadas a seguir, ao relatarem os lugares por onde já estiveram, evidenciam o modo como empregam tais categorias:

*“Eu andava lá para o lado de Cariacica, depois viemos pra Araras (Serra). [Isadora]*

*Sempre continuei andando, muda para ali, para aqui. [Alcides]*

*Cigano gosta de andar mesmo, por isso se mudaram de lá. [Laisa]*

*Sempre estive andando e não sei nem a quantidade, é difícil falar o lugar que já andei. [Kátia]*

*Cigano tá sempre andando, tem tanto município que fomos que nem sabemos. [Noá]*

*Vivo rodando o mundo, mudei umas 50 vezes. [Luzinete]*

*Ficamos rodando por “Vitória”: Sabiá, Canário, Gavião, depois Canário de novo, e depois Cariacica. [Laura]*

*Tem 10 anos que rodo isso tudo aqui, meu pai era vivo ainda, não tinha as casas não, o mato cresceu. É tanta cidade que já rodei. [Marconi]*

*Meu tio já rodou tudo, qualquer lugar desse mundo. [Amanda]*

*Moro nessa redondeza de Vitória há 20 anos, mas já rodei muito lugar. [Natasha]*

*Estou sempre rodando. [Léa]”. (ARRUDA, 2018, p. 212)*

Viver *andando* e *rodando* equivale a estar continuamente se *mudando* e pode indicar o modo como reconhecem o *ser cigano*, como Ed explicita nessa fala: “Nasci para ser cigano, para *mudar*”, assim como na fala de Noá que menciona: “Cigano tá sempre *andando*”.

Mesmo a categoria *pouso*, escolhida para se referirem aos momentos de pausa, também tem uma designação de movimento, pois é onde repousam temporariamente para depois se mudarem. Quando Severino disse que talvez teriam que sair de Tucano porque o proprietário iria pedir para desocupar o terreno, usou o termo “levantar voo e sair”, que faz referência a lógica de movimento imanente, na qual ainda que estejam em um *pouso*, não estão exatamente *parados*, mas sim prontos para a qualquer momento levantar voo.

*Estar no pouso* não equivale a *estar parado*. Se estão no pouso, podem estar *quietos*, mas não *parados*, porque *estar parado* significa estarem fixos e não na iminência de se mudarem. Noá sobre o deslocamento cigano disse: “Enquanto deixa nós *quieto*, tamo *quieto*, quando pede a propriedade nós vamos embora”. Nota-se que estar no pouso pode equivaler a *estar quieto*, que não é o mesmo a *estar parado*, pois, estar no pouso inclui a possibilidade de ter que abandonar o acampamento a qualquer momento.

Os ciganos contrapõem os seus movimentos com o *estar parado*. Natasha, ao responder sobre o porque de alguns ciganos não permanecerem nem nos terrenos onde são os proprietários, disse: “Cigano não consegue ficar *parado* não”. Quando perguntei a Luzinete se ela sabia o motivo da saída da Rosi e do Romeo do acampamento em Tucano, ela respondeu: “Aqueles lá não *param* não”. Laisa também disse que “Cigano não *pára* mesmo” e para o Ed: “Cigano é andarilho, se tiver que sair amanhã ele sai. Não costuma *ficar parado* não”.

A condição de *ser cigano* pode ser colocada em oposição ao *ser morador*. Quando perguntei ao Alcides em quais lugares ele já tinha morado, a sua resposta foi: “não, eu sempre fui *cigano* mesmo, não sou *morador* não”. Esse desentendimento, no qual eu perguntava em quais cidades ele já tinha morado e respondia que não era morador, mostra como há uma oposição entre *ser cigano* e *ser morador* nesse contexto. Quando a categoria de *morador* é empregada em oposição ao *ser cigano* designa aqueles que moram em casa.

Quando Luzinete me contou da sua história de vida, começou dizendo que era “*moradora* mesmo”, isto é, não tinha nascido cigana e morava em casa antes de ir morar em barraca. Outra vez se referiu à ex-mulher do Marconi como “*moradora*”, também no sentido de diferenciar aqueles que não são filhos de ciganos, mas se tornaram ciganos depois que casaram com ciganas e foram morar no acampamento.

Ao contar sobre casamento entre ciganos e *garrins* (mulher não-cigana), Noá disse que cigano pode casar com *morador* (referindo-se aos não-ciganos), não só a mulher cigana pode casar com *garron* (homem não-cigano), bem como um cigano pode casar com uma *garrin*.

Apesar de diferenciarem *ciganos* de *moradores*, hoje reconhecem que há cigano que também está *morando*, mas mesmo assim não deixa de ser cigano. Nesses casos, *morador* serve para diferenciar os ciganos que moram em barraca daqueles que moram em casa, e não mais para diferenciar ciganos de *garrons*. Quando Kátia comparou a fase que os ciganos viajavam à cavalo com a atual, disse: “acabou essa geração, agora tá tudo *morando*”. Em outro momento, quando Adoniran falava do casamento entre ciganos e *garrins*, disse que hoje em dia tem *cigano morador*, aqueles ciganos que não moram em *barraca*, e que isso teria facilitado uma *garrin* aceitar casar com um cigano, já que podem morar em casa ao invés de barraca.

## **Estar entre parentes**

Existe uma rede de ciganos que se configura espacialmente como uma rede de acampamentos distribuídos pela Região Metropolitana de Vitória na qual eles se consideram *parentes*. Os locais para onde se locomovem, seja quando viajam a passeio ou com a intenção de procurar um novo lugar para se estabelecerem, são terrenos onde já possuem *parentes* acampados ou onde sabem que teriam autorização do proprietário para ficar por se tratar de um bairro onde já acamparam antes. Assim, quando procuram um outro lugar para morar, os ciganos entram em contato com a rede de *parentes* para saber se há espaço disponível para novas barracas em acampamentos já existentes ou, caso não tenha espaço disponível suficiente nos outros acampamentos, procuram um novo lugar nas proximidades de onde já tenham acampado antes.

O *estar entre parentes* revela uma questão central da ciganidade que se opõe ao *estar sozinho*. Ao perguntar sobre a relação de parentesco entre eles, a resposta é que são *parentes* e querem dizer, em sentido amplo, que se conhecem pela convivência e se *apoiam* mutuamente, e por isso não estão *sozinhos*, assim, essa ideia de *parente* não diz respeito necessariamente ao sentido estrito do vínculo por consanguinidade ou por aliança devido a um casamento.

Ao responderem sobre o parentesco entre eles, os ciganos explicitam em suas falas sobre o modo como se concebem como parentes, como disse Isadora: “Todos os ciganos são *parentes*, e se eu dissesse que não, estaria mentindo, porque cigano é tudo família”; e Joana: “A gente é tudo primo, tudo *parente*”. Quando perguntei para Kátia e Noá se eles eram parentes dos ciganos que estão acampados no acampamento ao lado, as respostas, consecutivamente, foram: “Todo mundo é de casa, tem ninguém estranho aqui não”; “O pessoal aqui tudo se pertence”.

Ao *estarem entre parentes* os ciganos se sentem seguros, como mostra na fala da Bruna ao reconhecer que o fato de estarem juntos contribui para o *apoio*: “aqui a gente tá *apoiado* mesmo querendo ou não a gente tá, mesmo tendo bebo (“bêbado”) dentro do acampamento, a gente sabe que tem um cabeça que vai tirar ele, aquela pessoa, que nem o Adoniran ali, quando ele vê que os irmãos dele tá querendo conversar abobrinha com alguém, não com a gente daqui não, mas com os outros de lá, ou com outras pessoas da rua mesmo, aí ele já chama atenção, tal, toma conta”.

*Estar sozinho* é o que tentam evitar ao escolherem morar em barracas perto umas das outras, já que ao ficarem desacompanhados de outras famílias ciganas os fazem sentirem-se vulneráveis e com medo, seja de assalto ou de ameaças de morte. Por isso, um acampamento não se faz com uma única barraca, e tem como unidade mínima uma *turma* que são famílias da mesma linhagem com um líder em comum que se organizam espacialmente em barracas próximas umas das outras, geralmente envolvendo três gerações da família do patriarca: avô, pai e filhos.

Justamente porque há uma centralidade no *estar entre parentes* para a cosmologia cigana, quando alguma relação se desestabiliza produz reflexos diretos no modo como se organizam espacialmente. A reorganização espacial pode envolver diferentes intensidades a depender do motivo que gerou essa desestabilização, seja por desentendimentos internos, seja por um casamento, ou seja por uma morte natural ou trágica. E as diferentes intensidades podem envolver diferentes movimentos: o reposicionamento de barracas dentro de um acampamento, o trânsito de um acampamento para outro e a extinção de um acampamento.

Quando há desentendimentos internos, brigas e discussões entre os ciganos de um acampamento, os ciganos envolvidos podem reposicionar as barracas de forma que fiquem afastadas ou evitar a convivência a ponto de se mudarem para outro acampamento.

A atualização da rede parentes por meio de um casamento resultará na montagem de uma nova barraca, porque até a data do casamento o homem cigano e a mulher cigana moram com seus respectivos pais, e ao casarem surge a demanda de uma nova barraca. Especialmente, o casamento se materializa com a montagem de uma nova barraca.

Um casamento nem sempre gera a mudança de um acampamento para outro, mas isso pode vir a acontecer quando a família do casal recém-casado não se encontra no mesmo acampamento, e nesse caso é comum que montem a nova barraca perto da família do marido.

A morte natural de algum parente se constitui em um motivo para os ciganos deixarem o acampamento, pois buscam evitar lembranças daquele que se foi. A morte do marido de uma cigana a fez se mudar para Araras, bem como a morte da esposa do Ed o fez deixar o acampamento em Pavão e ir morar em Araras. A morte por ataque cardíaco de um dos irmãos do Adoniran, há 6 anos atrás, também teria implicado na mudança de acampamento por parte não somente da sua família como da sua *turma*. Essa atitude também acompanha a forma como vivenciam o luto ao queimarem a barraca com alguns pertences daquele que se foi, de maneira que não tenham lembranças.

A sensação de *apoio* e segurança se abala após a perda trágica de um cigano ou o anúncio de uma ameaça de morte. Os ciganos vivem esse medo constante pois se sentem vulneráveis na condição que se encontram nos acampamentos, já que a entrada de desconhecidos não pode ser controlada de forma absoluta. Quando há a perda de um cigano de forma trágica ou a ameaça de morte, o medo vivenciado por eles se potencializa, e então se torna o momento de deixar o acampamento, ou até mesmo o bairro ou o município.

Os ciganos não gostam de permanecer no lugar onde tenha ocorrido uma fatalidade com algum deles, devido às lembranças que preferem esquecer. Esse foi o motivo que desencadeou o abandono do acampamento em Araras. Os ciganos de Araras não quiseram permanecer acampados para não lembrarem da morte trágica ocorrida com o Aureliano. Quando a morte se dá por razões naturais como uma doença, apenas os ciganos mais próximos se mudam para outro acampamento. Quando se trata de uma morte trágica, o acampamento se desfaz por completo, inclusive pode-se evitar acampar no município onde teria ocorrido, e após a dissolução do acampamento, os destinos dos ciganos podem ser distintos.

Independentemente se a morte ocorrer por causa natural ou trágica, a barraca do cigano falecido sempre será queimada. Queimam a lona, as estacas de madeira, os *trem de canto*<sup>3</sup> e as roupas. Alguns eletrodomésticos ou móveis maiores como a cama podem ser doados para amigos *garrons*. Geralmente, não guardam nada de lembrança. Marilsa explica: “Tem que queimar a barraca porque fica com a lembrança, não pode, aí tem que tacar fogo para não ter lembrança”.

### **Autorização do proprietário**

Os ciganos escolhem acampar em terrenos onde possuem a autorização do proprietário, em caso de um terreno privado, ou o direito de uso de um terreno cedido pela prefeitura. Para isso, antes da mudança, podem ir ao local procurar um terreno e o respectivo proprietário para pedir autorização. A procura por um novo terreno não se faz de modo aleatório, mas priorizam aqueles lugares onde já tenham *parentes* acampados que possam ter informado sobre a disponibilidade de algum terreno nas redondezas, ou mesmo aqueles bairros onde já estiveram acampados antes.

<sup>3</sup>As roupas e as roupas de cama são guardadas em sacos de pano, e estes, junto com as cortinas, as roupas de cama, e os tecidos usados para cobrir as estantes ou eletrodomésticos formam um conjunto que denominam *trem de canto*, que são costurados pelas ciganas com tecidos de cores fortes.

A autorização dos proprietários para a permanência dos ciganos pode acontecer sem que eles tenham que pagar aluguel ou uma taxa, o que depende de cada proprietário. Alguns proprietários veem como positivo o estabelecimento de ciganos em seu terreno, já que sabem que aceitam sair quando lhes forem solicitados.

Quando um proprietário autoriza a permanência dos ciganos em seu terreno, os ciganos consideram-se *apoiados* por ele, como disse Bruna: “ele (o proprietário) querendo ou não, ele tá tá *apoiando*, por causa que, se ele não tivesse dado aqui pra gente ficar, a gente não tava aqui, a gente poderia tá em outro lugar, ou poderia tá por aqui mesmo por Cariacica, ou por outro lugar”.

Se o proprietário começar a cobrar o aluguel, também poderá impulsionar alguns ciganos a posicionarem a barraca em algum terreno vizinho onde possam ficar sem precisar pagar uma taxa, como fez uma família em Pavão que migrou para um terreno ao lado.

Um acampamento geralmente engloba terrenos de diferentes proprietários. Quando o proprietário não permite mais que os ciganos continuem no terreno, apenas as barracas pousadas ali e mais algumas vinculadas a essa *turma* se mudarão para outro acampamento.

### **“Nem todo lugar é um *pouso*”**

O *pouso* cigano só é concebido mediante a autorização do proprietário do terreno, mas isso não quer dizer que qualquer lugar supra a condição do que consideram um *pouso* satisfatório. Ao perguntar para um cigano o que acha do *pouso* onde ele está, poderá dizer que está bem *apoiado* se estiver satisfeito com as condições do lugar.

A frase do cigano Ed sintetiza bem essa noção de que nem todo lugar lhes convém: “Nem todo lugar é um *pouso*; tem lugar que não presta não”. Existem condições necessárias para a escolha do terreno, como descreve Noá: “Terreno não é da gente, então tem que caçar um, olhar se cabe todo mundo, caçar o dono ou alguém da prefeitura; ter água no terreno está em primeiro lugar e depois cada um caça o seu lugar para colocar a barraca”. Procurar por um terreno onde “caiba todo mundo”, remete ao modo como valorizam o estar *entre parentes*. Se um terreno não é suficientemente extenso para abrigar uma *turma*, não há como funcionar como um *pouso*. Inclusive, a noção de terreno para os ciganos não equivale a 1 (um) lote, mas a um conjunto de lotes ou a um terreno extenso onde possa abrigar pelo menos todas as barracas de uma *turma*.

Os atributos físicos apontados como pré-requisito para um *pouso* incluem o terreno ser plano, extenso o suficiente para as barracas, e sem possibilidade de enchente. Como foi apontado pelo Romero “o terreno tem que ser plano, senão não ficamos não”. As barracas são posicionadas na borda dos terrenos deixando a visão da entrada de acesso desimpedida. Elas não se dispõem de forma circular como fazem os índios Guayaki (CLASTRES, 1995), mas procuram ocupar as laterais do terreno de forma que consigam ver a entrada de qualquer estranho no terreno, como descreveu Noá: “não pode tapar a vista da barraca não, tem que ter vista para quem chega”.

A presença de abastecimento de água encanada no terreno é um fator de grande relevância, junto com a presença da rede de energia. Apesar da predileção por terrenos com água encanada, não irão descartar a possibilidade de ficar em terrenos onde se possa buscar água manualmente em nascentes, como aconteceu em um bairro da Serra onde um grupo de ciganos permaneceu por aproximadamente 8 (oito) meses em um terreno sem água encanada, coletada da nascente. A insuficiência de água pode ocasionar a mudança de um acampamento para outro, como aconteceu com Rebeca que se mudou do bairro Sabiá: “tinha pouca água lá, pouca água pra muita gente”.

O conforto término também contribui para a avaliar se o terreno poderá ser um *pouso*. Em Beija-flor alguns ciganos também decidiram se mudar logo depois que haviam se instalado devido a localização perto da praia, onde ventava muito e afetou a saúde das crianças: “os meninos estavam ficando muito gripados”, como alegou Rosi.

A incidência solar pode ajudar a indicar onde a *boca da barraca* (parte dianteira da barraca onde é acessada) será direcionada dentro do acampamento ou como será a setorização interna da barraca. As adaptações da setorização para melhor atender às condições de incidência solar são baseadas na experimentação. Primeiro organiza-se a barraca e depois avalia-se se a setorização da barraca está satisfatória ou não, caso considerem necessário será feita alguma adaptação posterior de mudança do posicionamento dos móveis. Dessa forma, para um melhor conforto térmico, a setorização interna da barraca da Laisa foi alterada de forma que sua máquina de costurar ficasse posicionada do lado oposto de maneira que não tivesse incidência do sol da tarde.

A saída de ciganos de um acampamento libera novos espaços e pode gerar reorganizações das posições da barraca quando esses espaços oferecem infraestrutura melhor, como espaços menos alagadiços ou mais regulares.

## Nomadismo intensivo

O tempo que os ciganos permanecem em um lugar não é cronológico, mas da ordem da lógica da intensidade de enfrentamento de uma situação adversa. Quando estão diante de um esvaziamento do *apoio*, esse gera um vetor de diferenciação, que pode levar ao deslocamento espacial.

Vimos como os deslocamentos ciganos são motivados quando as condições de *apoio* se desestabilizam, e como nenhuma dessas condições são permanentes, percebe-se que a relação dos ciganos com o território é primeiro de reterritorialização para depois se desterritorializarem, isto é, primeiro se deixam ser afetados pelo contexto e depois renunciam às condições preestabelecidas para se reorganizarem mediante um outro território.

Nas ações empregadas no espaço pelos ciganos, nota-se esse potencial de variação contínua frente às imprevisibilidades. Agir com um potencial de variação é o mesmo que se deixar ser afetado pelas imprevisibilidades e a partir disso se reinventar. Ser afetado não se trata no sentido de emoção longe da razão, e sim de ser *afectado*, de atualizar virtualidades humanas além da representação que existem em potência a serem manifestadas (GOLDMAN, 2003).

A própria noção do terreno onde acampam como um *pouso* revela o valor de potencial de variação contínua. A categoria *pouso*, escolhida para se referirem aos momentos de pausa, também carrega uma designação de movimento de resposta frente ao imprevisível, pois é onde repousam temporariamente para depois se mudarem.

A materialidade e o aspecto construtivo da *barraca* cigana se configuram como elementos subordinados ao potencial de variação contínua, uma vez que a barraca pode ser montada e desmontada. A lona, principal material constitutivo da *barraca*, é um material maleável que permite ser dobrado e desdobrado para a montagem da barraca em outro lugar. Já a montagem da barraca baseada em encaixes e apoios (estacas de madeira apoiadas sobre o chão, lonas apoiadas sobre as estacas, e cordas tensionadas amarradas sobre metais cravados no chão) também possibilita o desencaixe e o desmonte, seguido da remontagem aproveitando os mesmos elementos construtivos. Além disso, o fato da barraca ser queimada após a morte de um cigano, revela a qualidade de uma materialidade que permite ser afetada pela condição do luto.

Baseado nas teorias de Deleuze (1991) sobre a *dobra*, o arquiteto e filósofo Greg Lynn (2013) explora a relação entre o potencial de incorporação de imprevisibilidades e as materialidades que se moldam e se dobram. Segundo Lynn, uma arquitetura flexível é aquela capaz de absorver pressões e imprevisibilidades sem se romper, mas se moldar a elas. Essa lógica se faz presente na *barraca* cigana, devido à sua materialidade e construção maleável, dobrável e desmontável, que consegue absorver a imprevisibilidade de ter que ser desmontada e montada em outro lugar a qualquer momento, sem se romper, e, portanto, comporta variações e afetações.

Nota-se que os ciganos revelam um potencial de metamorfose, isto é, de serem afetados e se reinventarem frente ao imprevisível. Não é o deslocamento territorial em si que sinaliza princípios nômades nos ciganos, mas sim, o fato de estarem à espera de uma imprevisibilidade e permitir serem lançados ao novo. Uma vez que o ritmo da duração de uma barraca e do acampamento cigano depende das condições de *apoio*, e uma vez que as condições de apoio não são permanentes, a *cosmologia* cigana precisa se adaptar a essa impermanência.

Por isso, arrisco aproximar o *modus operandi* das categorias ciganas, como *pouso* e *mudar*, com a noção que Deleuze e Guattari (2012) fazem do conceito de nomadismo, e consequentemente, tensionar a noção do nomadismo empregado pelos outros, como por Bourgeot (1994), Gilbert (2014), ou mesmo pelos ciganólogos Vaux de Folëtier (1983), Santos (2002) e Liégeois (1988), de que falei na Introdução.

Para estes últimos autores, o conceito de nomadismo parte da noção de deslocamentos físicos frequente, na qual a diminuição da constância dos deslocamentos ou a fixação territorial indicaria uma sedentarização, alocando o nomadismo como uma categoria em oposição absoluta ao sedentarismo.

As teorizações de Deleuze e Guattari (2012) sobre o nomadismo se destacam das demais, pois não se restringem a uma de noção estritamente espacial caracterizada por uma frequência de deslocamento, nem a um atributo identitário. Na perspectiva de Deleuze e Guattari, envolvem uma compreensão da possibilidade de reinvenção de si e de resistência (como uma máquina de guerra) ao aparelho de Estado.

Dessa forma, o nomadismo não é posto em oposição absoluta ao sedentarismo, já que não é um atributo identitário, mas um estado e um potencial de auto-diferença que pode se atualizar ou não.

Assim como no *modus operandi* das categorias ciganas como *pouso* e *mudar*, a noção de nomadismo de Deleuze também admite uma condição de um potencial de variação contínua frente uma imprevisibilidade. Nessa perspectiva, alinhada com o pensamento de Deleuze e Guattari (2012), Ferrari (2010) cunhou a noção de um nomadismo cosmológico para tratar do nomadismo cigano que se distancia da concepção no sentido comum de um deslocamento espacial e se aproxima da ideia de um nomadismo como um conjunto de modos de se desterritorializar que partem de um modo de pensar nômade.

Para Deleuze e Guattari (2012, p. 53), assim como o sedentário, o nômade também vai de um ponto a outro e segue trajetos ordinários. Portanto, para diferenciá-los tratam de evidenciar o que seriam os princípios somente da vida nômade. O nomadismo trata de trajetos que não se subordinam a pontos, linhas e superfícies, então ao invés de ir de um ponto ao outro, subordina os pontos ao trajeto, e o hábitat ao percurso. Os pontos em um trajeto existem para ser abandonados, assim como os *pousos* ciganos (mesmo aqueles pousos em terrenos próprios) estão na iminência de serem deixados para trás.

No deslocamento nômade, o trajeto não é só um deslocamento de um ponto a outro, mas ele próprio sustenta a possibilidade da vida no trajeto ao permitir produzir afetações. Assim, o nomadismo se faz no *intermezzo*, isto é, quando o trajeto entre dois pontos goza de uma autonomia, afeta e subordina os pontos, assim, o trajeto nômade se trata de uma experiência real e não de uma abstração. O ponto de parada para o nômade não indica um encerramento do trajeto como para o sedentário, e sim uma abertura como um vetor de mudança de direção.

Há uma diferença entre o deslocamento do sedentário e do nômade. Enquanto o sedentário vai de um ponto a outro, o nômade só vai de um ponto a outro por consequência do trajeto e necessidade. Enquanto ir de um ponto a outro é a causa do movimento do sedentário, para o nômade, é consequência de uma afetação. O movimento dos ciganos quando se deslocam de um ponto a outro, não se dá porque objetivam chegar a outro ponto, mas é consequência de uma necessidade de abandono do ponto onde estão.

Pode-se dizer que nômade é antes aquele que não se move, já que nomadismo não se trata do quanto se desloca em extensão e frequência, mas sim do quanto permite ser afetado pelo contexto no momento de pausa (TONYBEE, 1951, p. 185-210 apud DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 55). Por isso, o nomadismo segundo Deleuze não se trata de um movimento extensivo como abordado no sentido comum do nomadismo que o concebe como um deslocamento frequente. No sentido de Deleuze e no *modus operandi* das categorias ciganas, nomadismo é uma velocidade intensiva, que mesmo sendo lenta ou imóvel, ainda assim é velocidade, já que carrega um vetor de desterritorialização perpétuo.

O movimento no nomadismo pensado no sentido comum, o concebe como uma extensividade, e coloca na centralidade o movimento em si, por isso importa a frequência

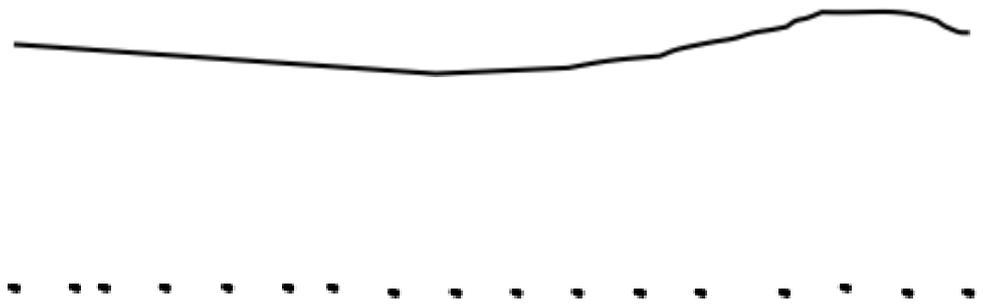
dos deslocamentos na qual sua diminuição é um indicador de sedentarização. Para o nomadismo intensivo, o deslocamento espacial não adquire centralidade, mas sim a condição de ser afetado, tendo o deslocamento espacial como uma possibilidade de afetação, e não como característica fundamental. Dessa forma, a condição do nomadismo intensivo não passa pela necessidade do deslocamento espacial, seja frequente ou não, mas sim pela capacidade de ser afetado, e para isso, sair do lugar não é um imperativo como no nomadismo extensivo, mas sim, a reinvenção de si.

Enquanto o nomadismo extensivo é um ato de se deslocar pelo espaço, o nomadismo intensivo é uma condição de se permitir experienciar o presente em plenitude e ser afetado, assim, antes de ser um ato de deslocamento, é uma potência de metamorfose. Como o conceito de nomadismo é exógeno aos nômades, foi formulado pelo ponto de vista de quem estava fixo e observava o movimento relativo em relação a esse referencial. Por isso, o conceito pensado de forma exógena apresenta fragilidades, pois o movimento nômade não é relativo, mas absoluto, isto é, é uma velocidade imanente podendo ser atualizada sem sair do lugar.

A relação dos nômades com o território não se faz somente por desterritorialização, mas é uma reterritorialização que antecede a própria desterritorialização, diferente do sedentário que se reterritorializa a posteriori da desterritorialização. No momento em que o nômade abandona um ponto, é o momento de reterritorialização quando o território passa a ser o orientador do percurso, seguido da desterritorialização. No caso dos ciganos, quando estão em um *pouso*, eles permanecem nesse território, em uma pausa como um processo, e no momento em que o contexto determina a necessidade de abandono do *pouso* (seja por qualquer um dos motivos apresentados que desestabilizam o *apoio*) há um estreitamento de relação com esse território em um momento de reterritorialização seguido da desterritorialização.

Essa diferenciação dos movimentos também é empregada por Tim Ingold (2015) ao descrever o ato de peregrinar e o ato de se transportar. O movimento da peregrinação, assim como sugere o nomadismo intensivo na concepção de Deleuze, também não acontece de um ponto a outro, mas subordina o movimento aos pontos de partida e chegada, pois a vida se faz no próprio trajeto. O ato de se transportar é a transição de um ponto a outro, um puro movimento mecânico, e não carrega um modo de vida ao longo do trajeto percorrido, pois é somente uma travessia que não implica em ser afetado.

Para facilitar o entendimento de um movimento no ato de peregrinar e no ato de se transportar, Ingold (2015) sugere a comparação entre o ato de desenhar uma linha contínua e uma linha pontilhada a mão livre sobre um papel. Ao desenhar uma linha contínua (Figura 01) o movimento feito com a mão sugere o gesto de um movimento contínuo assim como o movimento no ato de peregrinar no qual o peregrino percorre trajetos. Já a linha pontilhada (Figura 02) não é resultado de um rastro de movimento contínuo, já que no intervalo de um ponto a outro o lápis está inativo, e assim o movimento se encontra ao desenhar os pontos. A linha pontilhada está associada com o movimento do ato de se transportar, pois nesse momento se desloca de um ponto a outro, e no intervalo entre um ponto e outro não há vida nem afetos e se aproxima da conceituação que Deleuze faz do sedentário. A linha contínua se associa ao movimento do peregrino pois a linha contínua sugere uma vida que se faz em toda o trajeto, e subordina o trajeto aos pontos.



**Figura 1 (em cima):** Linha contínua à mão livre. Fonte: Desenho digital da autora, 2019

**Figura 2 (embaixo):** Linha pontilhada. Fonte: Desenho digital da autora, 2019.

O movimento do nômade em intensidade não é uma coleção trajetos com frequência de um ponto a outro, como na linha pontilhada (Figura 2), mas sim aquele movimento que está presente em todo o percurso, que possibilita, portanto, ser afetado pelo percurso e gerar um vetor de desterritorialização (Figura 1).

### Considerações finais

A maioria dos autores ciganólogos como Santos (2002), Okely (1983), Vaux de Folétier (1983), e estudiosos do nomadismo como Barbosa (2012), Bourgeot (1994), Gilbert (2014), Louekari (2000) definem o nomadismo como um deslocamento espacial constante e opõem essa categoria com o sedentarismo, nomeado aqui neste artigo como nomadismo extensivo. Apesar de terem produzido boas descrições sobre o deslocamento de alguns grupos étnicos, esses trabalhos se limitaram a pensar em dualidades, e careceram de se debruçar sobre as categorias nativas e ciganas.

Caso essa pesquisa fosse guiada por essa perspectiva, os ciganos seriam considerados nômades se praticassem deslocamentos frequentes de um acampamento para outro, e seriam entendidos como sedentários caso estivessem fixados territorialmente. Na tentativa de escapar de uma análise que opere pela lógica binária da dicotomia na qual o nomadismo e o sedentarismo são colocados como categorias identitárias que estão em absoluta oposição, propõe-se aqui uma aproximação com as categorias ciganas a fim de tensionar o sentido comum dado ao nomadismo. E foi justamente porque os ciganos que convivi não tinham um comprometimento com o conceito de nomadismo que possibilitou confrontar nosso saber acerca dessa categoria.

Para descrever e conceituar seus deslocamentos e ações empregadas no espaço, os ciganos trazem diversas categorias como *andar*, *rodar*, *mudar*, *pousar*, *morar*, *estar quieto*, *estar parado*. Mesmo a categoria de *pousar* e *estar quieto* que designaria um

momento de pausa em um acampamento, carregam princípios relacionados a um movimento imanente, já que não estão exatamente *parados*, mas estão prontos para deixar o acampamento a qualquer momento.

Essa relação dos ciganos com o território em um constante processo de reterritorialização seguido da desterritorialização é expressa pela categoria de viver *andando* e *rodando* que equivale a estar continuamente se *mudando*. Essas categorias fluem com um aspecto importante da cosmologia cigana: a noção de estar *apoiado* que requer o funcionamento de três pilares: o *estar entre parentes*, a autorização do proprietário ou da prefeitura e as boas condições de infraestrutura. Como nenhuma dessas condições são permanentes, a desestabilização do *apoio* é propulsora dos deslocamentos ciganos. Dessa forma, as categorias ciganas afirmam potências de variações, ao invés de assumir posições que se conservam, já que continuamente estão na iminência de serem afetados e se reinventarem frente às adversidades. Independente de qual imprevisibilidade estiver posta, seja o pedido do proprietário para que retirem do terreno, seja o anúncio de uma ameaça de morte, os ciganos se reorganizam para que possam se sentirem *apoiados*. Assim, há uma maleabilidade que faz com que consigam se reorganizar e responder às imprevisibilidades sem se romper, mas mantendo-se coesos.

A condição de um potencial de variação contínua, que pode se atualizar ou não, é justamente um dos princípios que Deleuze e Guattari (2012) empregam para apresentar uma definição de nomadismo que se diferencia da definição no sentido comum. Há dois pontos centrais para entender as diferenças entre as duas conceituações do nomadismo. Em primeiro lugar, a noção de um nomadismo intensivo supera a definição atrelada somente a uma condição espacial, e engloba uma dimensão cosmológica que traduz um modo de existência. Em segundo lugar, trata de diferenciar os movimentos: o nomadismo intensivo não leva em consideração a dimensão extensiva, por isso não importa a frequência dos deslocamentos, mas sim a condição de ser afetado.

O nomadismo intensivo não é um atributo restrito a um grupo étnico, e, portanto, pode comparecer para qualquer um. O que merece ser considerado é, no caso dos ciganos, esse potencial tem se atualizado justamente porque em sua cosmologia há uma recusa em se subordinar aos princípios hegemônicos, já que a própria condição de ser cigano é uma construção constante frente ao contexto em que eles se reinventam.

Os ciganos sabem do risco que é se reinventarem frente a uma hegemonia, devido ao preconceito e hostilização dos não-ciganos. Isso comparece no constante *medo* relatado por eles, medo de *estarem sozinhos*. Por isso, *estar sozinho* é o que tentam evitar ao escolherem morar em barracas perto umas das outras, já que ao ficarem desacompanhados de outras famílias ciganas os fazem sentir vulneráveis e com *medo*, de assalto, mas sobretudo, de ameaças de morte. A condição de se sentirem *apoiados* cumpre uma função de estratégia de sobrevivência frente à condição de vulnerabilidade. Assim, os ciganos inserem sua relação com o mundo, no qual permitem ser afetados pelo contexto ao reinventarem e produzirem a si mesmos frente à ordem hegemônica.

## Referências bibliográficas

- ARRUDA, Flávia Marcarine. *Territorialidades ciganas na Região Metropolitana de Vitória*. 2018. *Dissertação* (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2018.
- BARBOSA, Lara Leite. *Design sem fronteiras: a relação entre o nomadismo e a sustentabilidade*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- BOURGEOT, André. Uma autonomia inquietante. *O Correio da UNESCO*, Rio de Janeiro, ano 22, p. 8-11, 1994.
- CLASTRES, Pierre. *Crônica dos Índios Guayaki: o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai*. 1995.
- DELEUZE, Gilles. *Dobra (a): Leibniz e o Barroco*. Papyrus, 1991.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2012.
- FERRARI, Florencia. *O mundo passa*. Uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros. 2010. *Tese* (Doutorado em Antropologia social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- GILBERT, Jérémie. *Nomadic peoples and human rights*. Routledge, 2014.
- GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, v. 46, n. 2, p. 423-444, 2003.
- \_\_\_\_\_. Da existência dos bruxos (ou como funciona a antropologia). *R@u*, v. 6, p. 7-24, 2014.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes Limitada, 2015.
- LOUEKARI, Martta. *The time and space in nomadic culture*. Glasgow: Glasgow School of Art, 2000.
- LYNN, Greg. Curvilinearidade arquitetônica: O dobrado, o maleável e o exível. In: SYKES, Krista (Org.). *O Campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica 1993-2009*. São Paulo: Casac Naify, 2013.
- MOONEN, Frans. *Anticiganismo: os Ciganos na Europa e no Brasil*. Recife: 2013.
- OKELY, Judith. *The traveller-gypsies*. Cambridge: University Press, 1983.
- SANTOS, Virgínia Rita dos. *Espacialidade e territorialidades dos grupos ciganos na cidade de São Paulo*. 2002. 210p. *Dissertação* (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo. 2002.
- VAUX DE FOLÉTIER, François Jourda de. *Le monde des tsiganes*. Paris: Berger-Levrault, 1983.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Recebido [Jul. 30, 2019]

Aprovado [Mar. 02, 2021]